

Fragoso, a da pequenez tragicómica do gangster Kilas, num contraponto melódico e sentimental com Pepsi-Rita ou, ainda, as variações humorísticas e politonais do(s) António(s) e das suas mulheres na Calçada da Bica. Os tempos e ritmos destes filmes, não obstante as suas idiossincrasias correspondem, em traços gerais, à sequência tradicional da sinfonia (*allegro-adagio/andante-minueto/scherzo-allegro vivace*), mas cada um deles apropria-se de maneira diferente e muito particular dessa ligação metafórica entre a sinfonia e o cinema. Se em Belarmino é a própria montagem e a tonalidade melancólica do filme que se deixam trespassar estruturalmente pela música que o acompanha e o transporta, em *Kilas*, o *Mau da Fita*, a música decalca um certo movimento, uma dança entre as personagens, mas também a textura urbana que dá a trama das acções e dos cenários e em *A Janela (Maryalva mix)* é a reconfiguração alucinada dos retratos, a remistura caricatural dos sons e dos “phados” pitorescos que permite a modulação e repetida variação dos temas e vozes do bairro lisboeta.

Os filmes que integram este 6º ciclo de visionamentos comentados articulam-se, portanto, como os andamentos sonoros da sinfonia. Procurar-se-á pensar como o cinema veicula uma certa imagem sonora de Lisboa e, ao mesmo tempo, analisar o papel das várias sonoridades na apresentação e constituição de uma expressividade muito própria que reconhecemos ainda, agora, como a de Lisboa. Nesta linha programática e com o objectivo de aproximar os participantes e espectadores-ouvintes dos locais e das atmosferas sonoras e musicais dos filmes programados, as sessões deste ciclo decorrerão em diferentes lugares da cidade que se ligam literal ou simbolicamente com os diferentes filmes: o Largo do Calvário, lugar de passagem, cheio dos rumores intensos da cidade e da sua agitação, servirá para a projecção de *Lisboa, Crónica Anedótica* (sem som); o ginásio Grupo Desportivo da Mouraria, onde treinava Belarmino Fragoso, será o lugar para visionar e discutir o filme de Fernando Lopes; a Casa do Alentejo servirá de cenário à sessão sobre *Kilas*, o *Mau da Fita*, como serviu ao próprio filme; e, finalmente, o Grupo Excursionista Vai Tu acolherá a sessão sobre o filme de Edgar Pêra (realizado na mesma Rua da Bica de Duarte Belo).

28 de Setembro | AML – Videoteca (Largo do Calvário)
LISBOA, CRÓNICA ANEDÓTICA, José Leitão de Barros, (1930), 88’
17h30 visionamento comentado | 21h30 sessão de cinema ao livre
19h30 Beberete

Lançamento do livro:
Um mapa de Lisboa no Cinema, *co-edição AML | Videoteca / DAFNE*

Um mapa de Lisboa no Cinema é uma deambulação pela cidade através das imagens e das ideias de uma série de filmes. Construído com base na transcrição das sessões dedicadas à arquitetura do ciclo *Topografias Imaginárias - organizado desde 2015 pelo Arquivo Municipal de Lisboa - Videoteca -*, o livro resulta da sobreposição de duas topografias: a topografia dos filmes então programados e a topografia da cidade. Num método próximo da montagem cinematográfica, reordenaram-se fragmentos das intervenções e reorganizaram-se as imagens projectadas nas sessões. Este livro é um mapa simultaneamente real e imaginário, espacial e temporal, da cidade de Lisboa.

19 Outubro | Grupo Desportivo da Mouraria (Travessa da Nazaré)
BELARMINO, Fernando Lopes (1964) 80’
15h30 visionamento comentado | 17h30 projecção do filme completo

9 Novembro | Casa do Alentejo (Rua das Portas de Santo Antão)
KILAS, O MAU DA FITA, José Fonseca e Costa (1980), 124’
15h30 visionamento comentado | 17h30 projecção do filme completo

7 Dezembro | Grupo Excursionista Vai Tu (Rua da Bica de Duarte Belo)
A JANELA (MARYALVA MIX, Edgar Pêra (2001), 104’
15h30 visionamento comentado | 17h30 projecção do filme completo



Montagem fotográfica a partir de fotografias de António Passarinho, Cinema Império, D. 1925. Arquivo Municipal de Lisboa

TOPOGRAFIAS IMAGINÁRIAS

6.º ciclo de visionamentos comentados O SOM DA CIDADE NO CINEMA | SINFONIA URBANA

o som da cidade no cinema SINFONIA URBANA

“Sinfonia urbana” dá o mote a este novo ciclo de visionamentos comentados, que pensará a cidade em relação com a sua atmosfera sonora e musical. A expressão “Sinfonia Urbana”, inspirada pelo título do filme de 1927 de Walter Ruttmann Berlim, *sinfonia de uma grande cidade*, remete para um (quase) género de filmes onde a cidade - a sua plasticidade, as suas tonalidades e os seus ritmos - ocupam o lugar central da estrutura narrativa. A sinfonia tem aqui, obviamente, um sentido figurado que convoca metonimicamente a sonoridade urbana no seu sentido mais amplo. É toda a cidade, todos os seus elementos, como os naipes de uma orquestra, que soam com os seus diferentes timbres e vozes, que se articulam harmonicamente ou se hostilizam em dissonâncias, que se transfiguram na tela em temas e variações, rápidas fugas narrativas e recapitulações.

Nas sinfonias urbanas dos anos 20, o filme organizava-se numa sequência de quadros — andamentos — que compunham a cidade. Este ciclo retoma a estrutura a quatro andamentos da sinfonia clássica e toma cada um dos filmes programados como um desses movimentos.

Como uma abertura — uma outra acepção (mais antiga) para o termo de sinfonia — *Lisboa, Crónica Anedótica* introduz-nos no tema deste ciclo obrigando-nos a ouvir — necessariamente imaginando, pois é ainda um filme mudo — a sonoridade que caracteriza a cidade, nas suas várias atmosferas e tonalidades. É a nossa sonata-allegro. Marca o tom do ciclo, apresentando o seu tema, modulando-o em pequenas variações e servindo de protótipo para os andamentos seguintes. A amplitude do aspecto sinfónico traduz-se, neste filme, na visão — aspiração — de tudo abarcar, ao mesmo tempo que restringe esse olhar, condicionando-o, como o primeiro andamento característico da composição musical que obedece a determinadas secções, paragens obrigatórias.

Se a tonalidade da sinfonia clássica é a do seu primeiro andamento, neste ciclo sinfónico, os filmes seguintes libertam-se harmonicamente do primeiro, deixando-se antes guiar pela tónica dos seus protagonistas e antagonistas: a da melancolia inconfessada do pugilista Belarmino

28 de Setembro | AML – Videoteca (Largo do Calvário)

LISBOA, CRÓNICA ANEDÓTICA, José Leitão de Barros, (1930), 88’

Lisboa, Crónica Anedótica foi um dos últimos filmes mudos feitos em Portugal – o primeiro filme sonoro foi lançado logo um ano depois, assinado pelo mesmo José Leitão de Barros. Há, contudo, na sua estrutura elementos sonoros e musicais que o tornam (paradoxalmente) incontornável num ciclo sobre o som da cidade no cinema. Consensualmente apontado como uma variação portuguesa do (quase) género das sinfonias urbanas cinematográficas – muito popular na Europa por volta dos anos em que também este filme foi realizado – *Lisboa, Crónica Anedótica* replica alguns dos elementos visuais e estruturais que colocam a palavra “sinfonia” na descrição desse género. Seja porque integra sequências cujo elemento mais forte é o ritmo (dos objectos ou da montagem), seja porque explora os recursos cinematográficos disponíveis para representar visualmente o som, o filme provoca perguntas sobre o que é o som, no cinema, e sobre a relação que este estabelece com a música.

Mesmo não tendo som de facto, *Lisboa, Crónica Anedótica* é então um retrato total da cidade no princípio do século passado, retrato construído por um cineasta que é também um dos principais responsáveis pela estabilização da imagem do Estado Novo – o que torna inevitável discutir a permanência desta imagem de Lisboa, ainda hoje.

17h30 visionamento comentado por

21h30 sessão de cinema ao livre (o filme sonorizado ao vivo pelo som da cidade)

19h30 Beberete

Lançamento do *livro*:

Um mapa de Lisboa no Cinema, *co-edição AML|Videoteca / DAFNE*

19 Outubro | Grupo Desportivo da Mouraria (Travessa da Nazaré)

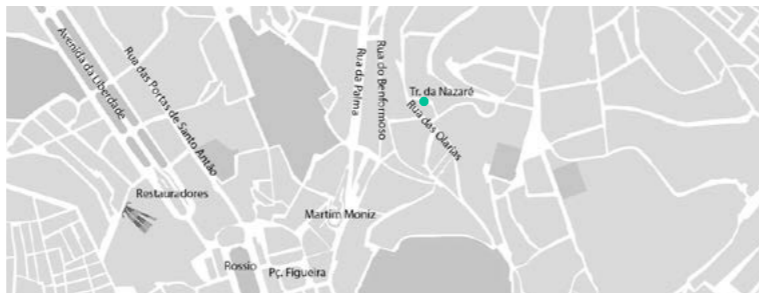
BELARMINO, Fernando Lopes (1964) 80’

O 2º andamento de uma sinfonia é tradicionalmente um adagio, um tempo musical entre o *lento* e o *andante*. *Belarmino* é um filme que rompe com a tradição e pede de empréstimo os ritmos e o *swing* ao jazz oriundo do Hot Clube de Portugal, porém é ainda a tonalidade melancólica da banda sonora original de Manuel Jorge Veloso que acompanha o pugilista no seu treino, nas suas esquivas e nas deambulações pelas ruas da baixa lisboeta, não obstante os impulsos libertadores do trompete de Milou Struvay. São ainda os acordes menores e os ritmos de balada que emolduram a fotografia rugosa de Augusta Cabrita e as atmosferas grisalhas das praças e dos *bas-fonds* enfumacados, numa Lisboa emudecida à espera de redenção.

15h30 visionamento comentado por

Manuela Viegas

17h30 projecção do filme completo



9 Novembro | Casa do Alentejo (Rua das Portas de Santo Antão)

KILAS, O MAU DA FITA, José Fonseca e Costa (1980), 124’

Kilas, o mau da fita apresenta-se como um filme onde a música é constitutiva à narrativa cinematográfica. Como um terceiro andamento, a sua potência musical é evidente na própria concepção em forma ABA, abertura que é já o final, minueto que se transmuta em tango e em que o *grito lancinante* da sirene da ambulância se transforma, em retrospectiva, como o anúncio da perda, a ferida que percorre todo o filme e que culmina no solo do clarinete da *Valsa da Ana*. Com música, e argumento, de Sérgio Godinho, Lisboa aparece através dos seus personagens cuja substância é musical — do *Fado do Kilas à Balada da Rita*, no início a *cappella* e na sua conclusão em *disco*, junta-se-lhe a sonoridade característica de um certo linguajar urbano.

A aurora, que abre e fecha este filme, recorta-se no telhado de vidro do único espaço que sobrevive, íntegro, na Lisboa de agora.

15h30 visionamento comentado por

João Pedro Cachopo

17h30 projecção do filme completo



7 Dezembro | Grupo Excursionista Vai Tu (Rua da Bica de Duarte Belo)

A JANELA (MARYALVA MIX, Edgar Pêra (2001), 104’

No filme *A Janela (Maryalva Mix)* o som é um elemento excessivo sugerindo uma atmosfera tão alegre como o local que personifica, o pitoresco Bairro da Bica, e as personagens que surgem, as variações humorísticas dos Antónios. O filme, marcado por um ritmo inconstante e exuberante que desfigura os sons naturais, apresenta a música popular dos ‘Phados’ compostos por Pedro Ayres Magalhães e Paulo Pedro Gonçalves. Qual 4º andamento de uma sinfonia, através da montagem de ritmos mais rápidos ou mais melódicos, a montagem audiovisual do filme expõe-se como sendo o próprio *moto perpetuo* do elevador da Bica.

15h30 visionamento comentado por

Branko Neskov

Patrícia Castello Branco

Ricardo Vieira Lisboa

17h30 projecção do filme completo

